

Jânio e Juscelino, os últimos eleitos

As vésperas de 15 de novembro, cerca de 82 milhões de brasileiros prepararam-se para ir às urnas escolher o presidente da República depois de um jejum de 29 anos e iniciam uma nova fase na história política do País. Um momento inusitado para a maioria dos atuais eleitores e comemorado com a idêntica euforia daqueles que elegeram em 1945 Eurico Gaspar Dutra, um gene-

ral que apesar de ter sido um dos principais articuladores do golpe que resultou no Estado Novo eleger-se presidente.

Naquela época, há 44 anos, o País restaurava a tradição de escolher, pelo voto, o seu presidente, depois de longo período de ditadura protagonizada por Getúlio Vargas.

Com seu estilo nacionalista e populista, o mesmo Getúlio Vargas

voltou ao poder em 1951, eleito com quase 4 milhões de votos. Com ele o País retornava a um período de turbulência política. Vargas encontrou forte oposição em seu governo e pressionado a deixar a Presidência pelas Forças Armadas, emocionou o País ao se matar com um tiro no coração em 24 de agosto de 1954.

O próximo presidente eleito,

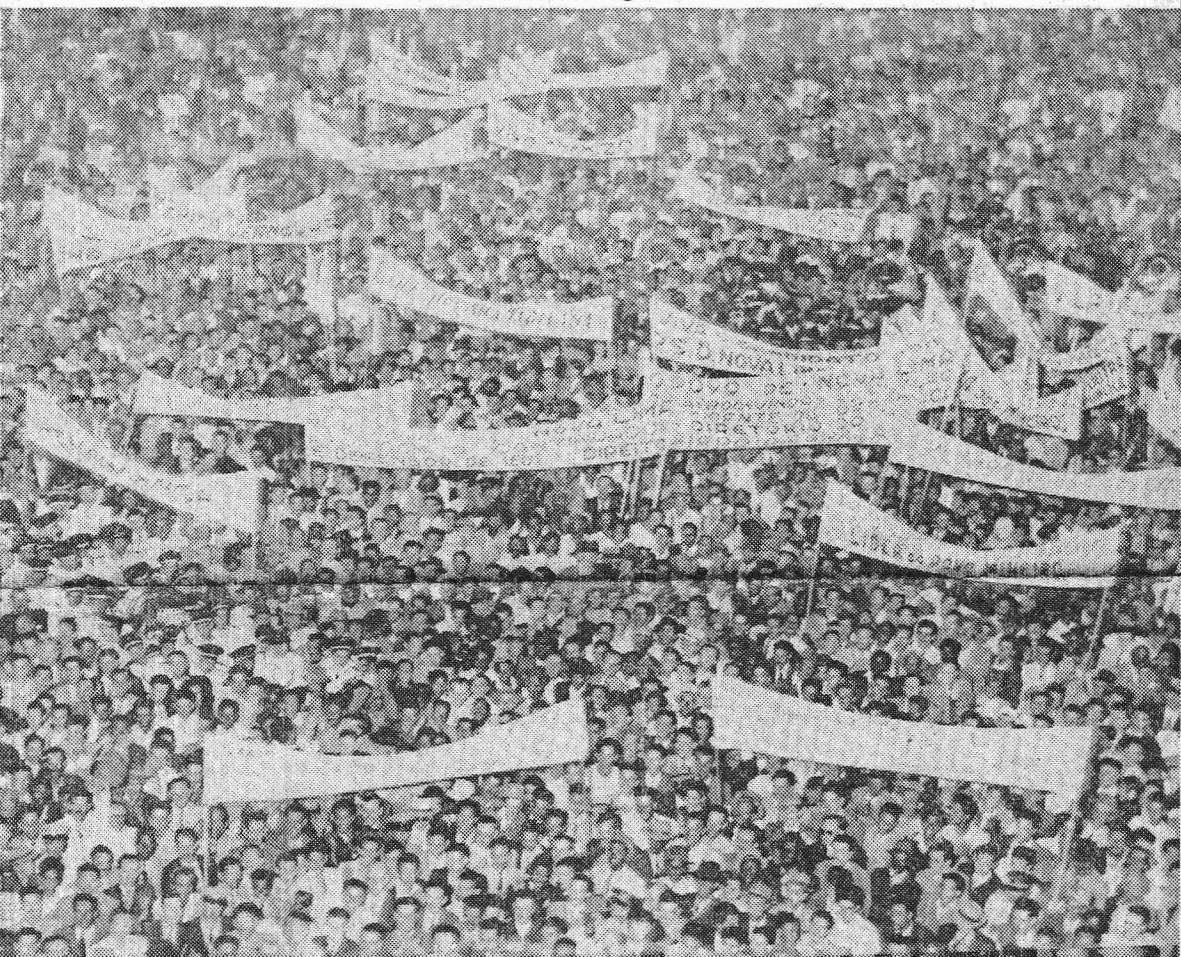
Juscelino Kubitschek, ainda que sob forte oposição e enfrentando movimentos grevistas, imprimiria ao País o desenvolvimento econômico. O último presidente eleito, o mato-grossense Jânio Quadros, teve uma breve permanência no poder. Acusado de tramarm um golpe pelo seu ex-correligionário Carlos Lacerda, Jânio Quadros renunciou a 25 de agosto de 1961.

1945/Eurico Gaspar Dutra

Uma era de turbulências

Em 31 de janeiro de 1946 Eurico Gaspar Dutra assumiu a Presidência da República eleito com 52,4% dos votos dos quase 7,5 milhões de eleitores. Derrotou fácil os outros três candidatos, Eduardo Gomes (UDN), Yedo Fiúza (PCB) e Rolim Telles (PAN). Governou com a colaboração de todos os partidos, inclusive de Getúlio Vargas. Militar de carreira, permaneceu no Ministério da Guerra de 1936 a 1945. Durante

seu mandato, foram instalados os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, responsável pela Constituição de 1946. Foi também nesse período que determinou a proibição do jogo em todo o território nacional. Duras, suas determinações não pararam por aí: em 1947 colocou o Partido Comunista Brasileiro na ilegalidade e rompeu relações diplomáticas com a União Soviética no ano seguinte.



Comício de Dutra em novembro de 45: governo com apoio de Vargas e de todos partidos

1950/Getúlio Vargas

A reconquista do voto

Depois de governar o País por quase 15 anos consecutivos, a partir da revolução que o levou ao Palácio do Catete em 1930, Getúlio Vargas voltou ao poder em 31 de janeiro de 1951 pelo voto direto. Candidato pelo PTB, venceu com quase quatro milhões de votos os adversários Eduardo Gomes (UDN), Cristiano Machado (PSD) e João Mangabeira (PSB). Eleito em 3 de outubro de 1950, Vargas retomou com ainda mais força sua

orientação nacionalista e a política populista, marca de seu governo. Encontrou forte oposição da União Democrática Nacional (UDN), com Carlos Lacerda à frente e o apoio de militares. Ao final de um longo e turbulento período foi pressionado pelas Forças Armadas a deixar o poder. Acusado diante da renúncia ou da deposição, Vargas suicidou-se em 24 de agosto de 1954 com um tiro no peito no Palácio do Catete.



Vargas desfila em carro aberto no Pacaembu em maio de 44: força do populismo

1955/Juscelino Kubitschek

Cinquenta anos em cinco

"O governo não pode ter cinco mil olhos, daí ser imprescindível a colaboração da imprensa", afirmou o presidente Juscelino Kubitschek em sua primeira entrevista ao assumir o governo, no dia 31 de janeiro de 1956. Eleito em 3 de outubro de 1955 com 3 milhões de votos, numa apertada disputa com Juarez Távola (2,6 milhões), JK precisou da ajuda dos cinco mil olhos antes mesmo de assumir, quando a oposição tentou impugnar o resultado da

eleição sob a alegação de que ele não obtivera maioria absoluta. Kubitschek e seu vice João Goulart teve sua posse assegurada por um movimento militar encabeçado pelo então general Henrique Teixeira Lott e inaugurou um período de crescimento no país, lançando as bases da indústria automobilística e impulsionando a indústria energética e siderúrgica. A construção de Brasília foi sua obra mais polêmica.



Juscelino em sua primeira entrevista no governo: plano de metas e desenvolvimento

1960/Jânio Quadros

Renúncia nunca explicada

Proibição de maíãs em concursos de beleza, brigas de galo, rifas e bingo, hipnotismo e outras inusitadas medidas tomadas através de bilhetinhos tornaram popular o presidente Jânio Quadros, eleito em 3 de outubro de 1960 com 5,6 milhões de votos — a maior votação obtida até então por um político brasileiro.

Em sete meses na Presidência, Quadros acabou com os privilégios cambiais dos importadores, limitou a remessa

de lucros para o Exterior e reatou relações diplomáticas com países socialistas. Em 19 de agosto condecorou o revolucionário cubano Che Guevara e cinco dias depois era acusado por seu ex-correligionário Carlos Lacerda, governador da Guanabara, de articular um golpe de Estado. A 25 de agosto, numa atitude inesperada e nunca totalmente explicada, renunciou à Presidência e partiu para a Europa.



Jânio Quadros durante comício em Minas Gerais, em 1960: mandato de sete meses